



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8169 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 12 - Currículo

CRIANDO CURRÍCULOS COM FILMES: PRÁTICASTEORIAS EM TEMPOS PANDÊMICOS

Thamy Lobo - UERJ - FFP - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Marcelo Ferreira Machado - FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA UERJ

Maria Cecilia Sousa de Castro - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

CRIANDO CURRÍCULOS COM FILMES: *PRÁTICASTEORIAS* EM TEMPOS PANDÊMICOS

Introdução

Em tempos tão complexos como o atual precisamos estar sempre atentos a novas possibilidades de criação de *conhecimentossignificações*. Com a suspensão das aulas presenciais por causa do coronavírus, muitas escolas, públicas e privadas, adotaram aulas pela ambiência virtual (Santos e Weber, 2013). Mesmo sabendo que existem muitos cotidianos dentro de uma mesma escola, as aulas transcorrem de modo remoto e completamente dependente das tecnologias de comunicação. Desta maneira, escrevemos neste texto uma criação coletiva de uma vivência neste tempo.

Entendemos que os currículos são tecidos nos cotidianos e se desdobram nos muitos agentes e fatores que por eles perpassam. Concordamos com Soares et al acerca dos currículos, lemos em suas palavras que:

São '*espaçostempos*' de encontros entre diferenças, de reconhecimento e estranhamento, de escrituras sobrepostas, práticas negociadas, bricoladas e abertas à invenção, às contingências e às oportunidades. São atos coletivos, criados cotidianamente nas escolas, mesmo que em sua origem encontremos arbitrariedades políticas e teóricas e tentativas de controle. Currículos são declarações de intenções institucionais, produtos de políticas públicas e decisões administrativas. Mas são ainda derivações de corpos, mimeses de gestos, produção de desejos, inventividades e resistências daqueles que habitam os '*temposespaços*' escolares, com suas presenças – físicas e virtuais –, ausências, temporalidades, astúcias, confrontos, enfim, com aquilo que não tem governo, nem nunca terá. (SOARES ET AL, 2017, p. 43).

Por isso, reconhecemos a necessidade de um currículo vivo, adaptado, camaleônico e que se atenda às necessidades dos diversos cotidianos (co)existentes no Brasil. Padronizar, formatar e controlar são tentativas da macropolíticas, que precisamos resistir.

Antes disso precisamos nos fazer entender quanto à grafia desses neologismos que

apareceram e irão aparecer ao longo do texto. Em nossas pesquisas, as palavras grifadas em itálico e de forma justaposta, como *prácticasteorias* ou *conhecimentossignificações* são, assim, utilizadas nas pesquisas com os cotidianos. Desde a modernidade, a ciência necessitou fazer rupturas entre o binarismo, como emoção/razão, verdade/mentira, homem/natureza. Entretanto, acreditamos que é preciso avançar com esses dualismos, pois somos formados a partir de múltiplas e diferentes redes (Alves, 2016) de sentidos, conhecimentos e significações. Assim, escreveremos ao longo do texto com a perspectiva de fazermos pensar acerca dessas palavras, que no nosso pensamento precisam ser sentidas em conjunto.

Método

Entre tantos caminhos possíveis a serem seguidos nas pesquisas com os cotidianos, neste texto iremos percorrer os das metodologias das conversas. Nosso grupo de pesquisa já utiliza essa metodologia dando ênfase que as conversações são *espaçostempos* de encontro, discussões, perspectivas diferenciadas e muitas possibilidades. As conversas são um lócus que entramos e não sabemos como termina, e nem se termina. Muitas vezes, nos pegamos dias depois lembrando antigas conversas e revisitando nossas falas e dos nossos companheiros.

Não sabemos ao certo como sairemos de uma conversa. Existem caminhos múltiplos. Possibilidades diversas de meandros que nos fazem (re)pensar nossas atitudes, comportamentos e modos de agir. Uma conversa pode ser um ponto de partida para muitos desafios. Conversamos *dentrofora* das escolas, nas praças, nas igrejas, nas viagens, nas caminhadas, nas cantinas, entre outros. (Com)versar é estar em diálogo com o outro. Nas palavras de Maturana, podemos entender esse pensamento

Chamo de conversação nossa operação nesse fluxo entrelaçado de coordenações consensuais de linguajar e emocionar e chamo de *conversações* as diferentes redes de coordenações entrelaçadas e consensuais de linguajar e emocionar que geramos ao vivermos juntos como seres humanos. Como animais linguajantes, existimos na linguagem, mas como seres humanos existimos (trazemos nós mesmos à mão em nossas distinções) no fluir de nossas conversações, e todas as nossas atividades acontecem como diferentes espécies de conversações. Consequentemente, nossos diferentes domínios de ações (domínios cognitivos) como seres humanos (culturas, instituições, sociedades, clubes, jogos, etc) são constituídos como diferentes redes de conversações, cada uma definida por um critério particular de validação, explícito ou implícito, que define e constitui o que a ela pertence. MATURANA, 2001, p. 132)

Para efeito deste texto, chamamos as conversas acerca dos filmes que *vimosouvimosentimospensamos* de ‘cineconversas’ que são, assim, esses encontros tecidos após assistirmos ao filme, onde discutimos as potências, os personagens, as histórias e todas as criações, lembranças ou emoções vivenciadas a partir do filme.

Discussão e resultados

Em tempos pandêmicos e impossibilidades dos encontros presenciais - um dos autores do texto e seus estudantes (de uma escola particular no município do Rio de Janeiro/RJ) - criaram um grupo em rede virtual da internet onde trocam ideias sobre produções audiovisuais e a cada quinze dias se encontram via plataforma do *Google Meet*. Combinam de *verouvirsentirpensar* um mesmo filme e depois de conversar acerca dele.

Em um horário a parte ao da escola, criam currículos para atender as demanda e necessidades em tempos de pandemia. Neste ano, já foram mais de dez encontros. Como são estudantes do 3º ano do Ensino Médio, combinaram de ver filmes que possam ser temas de redação do Enem ou de outros vestibulares. Assistem filmes relacionados à migração (Adu, Brooklyn), ao racismo (Bem vindos à Marly-Goumant e Hotel Ruanda), às tecnologias (Sierras Burgess é uma loser) e à discussão de fake-news (Redes de Ódio).

Esses encontros permitem aos estudantes ouvirem e serem ouvidos. Tecerem, *conhecimentossignificações* de modo coletivo, impulsionados por narrativas que retratam muitas histórias e criações. Neste período de tanta dificuldade, foi possível se manterem juntos, são, cientes dos seus papéis enquanto indivíduos de uma sociedade que passa por momentos de tantas dificuldades.

Conclusões

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 2003, p. 47). *Lendosentidopensando* as palavras do grande educador brasileiro, percebemos que possibilidades de resistências e criação nos cotidianos precisam existir. A arte e o cinema, como expressões do saber, nos levam a caminhadas que permitem o nosso crescimento.

As ‘cineconversas’ são *espaçotempo* de potência, criação e encontros. Permitiram a criação de muitos saberes e a tessitura de currículos vivos em seus cotidianos. Assim, entendem a necessidade de continuar, mesmo em dias tão difíceis, os processos formativos.

Palavras-chave: currículos - educação – filmes

Referências:

ALVES, Nilda. *A formação com as imagens*. Revista Interinstitucional Artes de Educar. Rio de Janeiro, V. 2 N. Especial – jun. out. 2016, p. 235-252.

FREIRE, P. *PEDAGOGIA DA AUTONOMIA* - saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

SANTOS, Edméa. & WEBER, Aline. *A criação de atos de currículo no contexto de espaços intersticiais*. teccogs n. 7, 156 p, jan.-jun, 2013, p.42 -60.

SOARES, Maria da Conceição Silva; PAIVA, Vanessa Maria B.; NOLASCO-SILVA, Leonardo. Gênero e sexualidades praticados em currículos dissidentes nos/dos com os cotidianos escolares. IN: Teias v. 18 • n. 51 • 2017 (Out./Dez.): Micropolítica, democracia e educação.

SOARES, Maria da Conceição Silva; PAIVA, Vanessa Maria B.; NOLASCO-SILVA, Leonardo. Gênero e sexualidades praticados em currículos dissidentes nos/dos com os cotidianos escolares. IN: Teias v. 18 • n. 51 • 2017 (Out./Dez.): Micropolítica, democracia e educação.